Oportunidades e desafios



Os fatores de crise no setor não se limitam a oferta e demanda, mas permeiam a cadeia produtiva

FERNANDO ANTONIO PEREIRA

O ano de 2002 ficará marcado por uma das crises mais acentuadas já vividas pela suinocultura brasileira. Para entender a origem do problema, seus desdobramentos e identificar os meios de prevenir sua repetição, não é suficiente observar a oferta e demanda de carne suína no mercado interno. Também é necessária uma análise conjuntural dos fatores que permeiam a cadeia da carne suína, principalmente no que se refere ao suprimento de grãos, insumos que mais participam do custo final do suíno pronto para abate.

Após uma estagnação do volume da produção brasileira de carne suína nos anos 80, nos últimos 10 anos ocorreu uma substancial expansão – um salto de 1,20 milhão, em 1992, para 2,23 milhões de toneladas, previstos para 2002. Portanto, 86% de crescimento. Um dos principais responsáveis por esse crescimento foi, sem dúvida, o ganho de produtividade decorrente da tecnificação do setor.

A disponibilização da carne suína de melhor qualidade a preço mais competitivo para o consumidor possibilitou aumento do consumo interno, contribuindo para isso a elevação do consumo *per capita* em cerca de 30% no mesmo período. Paralelamente, a exportação de carne suína brasileira, que era inexpressiva – chegamos a importar o produto em alguns períodos dos anos 80 –, começou a se expandir a partir de 1992 e em 1999 atingiu a marca de 83 mil toneladas. Esse volume, entretanto, representava apenas 4,5% do total produzido no país e sequer fazia o Brasil figurar entre os maiores exportadores mundiais. Os esforços de exportação, por parte de agroindústrias e órgãos governamentais da esfera estadual e federal, continuaram de forma consistente, e no ano 2000 o volume exportado chegou a 126 mil toneladas. Nos dois anos seguintes o crescimento foi ainda mais espetacular, alcançando 263 mil toneladas em 2001 e 480 mil toneladas em 2002 (projeção). Esse desempenho fez com que o Brasil passasse a ocupar a quarta posição no *ranking* dos países exportadores, atrás do Canadá, Estados Unidos e Dinamarca.

O volume exportado, entretanto, tem que ser ponderado quanto a dois aspectos qualitativos que configuram

risco e menor rentabilidade. O primeiro é a alta concentração de exportações para a Rússia, que em 2002 está absorvendo mais de 80% da exportação total brasileira; o segundo é a deterioração de preço da tonelada exportada quando se comparam os valores médios ano a ano.

A alta concentração de exportação para um único cliente configura risco para o setor, pois qualquer problema que acarrete queda nesse volume resultará em aumento de oferta e conseqüente queda de preço no mercado interno. Por sua vez a deterioração do preço de exportação limita a rentabilidade dos exportadores, com reflexo nos demais elos da cadeia.

Desencadeamento da crise

O crescimento do consumo interno e das exportações, notadamente a partir do segundo semestre do ano 2000, estimulou ainda mais a expansão da produção, que já vinha ocorrendo em menor escala nos anos anteriores. Podia se antever um aumento da oferta de carne suína em 2002 e, conseqüentemente, um cenário de margem reduzida para o produtor. Mas a expectativa de margem reduzida acabou se convertendo em forte crise em razão de dois outros fatores: a frustração da safra do milho 2001/02 e a brutal desvalorização cambial no segundo semestre de 2002. A conjugação desses fatores acarretou tremenda elevação dos custos de produção e o resultado tem sido altos prejuízos para o produtor, desde abril de 2002.

Como saída para amenizar as dificuldades financeiras, gerando caixa para saldar seus compromissos, os produtores aumentaram a oferta de suínos para abate, através da venda de animais mais leves. O efeito imediato dessa medida foi a deterioração do preço, decorrente da maior oferta de carne no mercado, o que se fez notar mais acentuadamente até o mês de setembro no mercado não integrado, embora tenha ocorrido em boa parte das integrações. O descarte de matrizes passou também a se intensificar desde o mês de maio e continua se acentuando. A partir de setembro, em algumas regiões, o abate de matrizes já ultrapassa 80% do que seria normal – fato preocupante, porque torna irreversível a desativação da produção no médio prazo. Por outro lado, é o principal fator determinante da queda de oferta futura e conseqüente reversão das perdas atuais do setor.

A expectativa de margem reduzida criada pelo aumento de produção acabou se convertendo em forte crise, por dois outros fatores: a frustração da safra do milho 2001/02 e a brutal desvalorização cambial no segundo semestre de 2002.

Dois outros fatos não menos preocupantes vêm ocorrendo e contribuirão para reduzir a oferta ainda no curto prazo: a redução da tecnologia empregada, como nutrição balanceada, material genético de alta qualidade e insumos veterinários, e a não reposição das matrizes descartadas.

A redução da oferta de suínos para abate, a natural elevação do consumo no final do ano e o excelente desempenho das exportações deram sustentação à consistente elevação dos preços a partir de novembro; tanto no mercado das integrações quanto no mercado livre, os preços do suíno abatido já ultrapassaram seus valores máximos históricos. Infelizmente, a recuperação não é ainda suficiente para recompor as margens dos produtores, pois o custo da ração continuou a subir – decorrência da escassez de milho, que em 2002 subiu mais de 130% nos principais mercados.

O que esperar de 2003 e 2004?

A forte desativação da produção permite projetar, com boa segurança, que a oferta de suínos para abate seguirá em declínio durante o próximo ano. Embora seja difícil uma quantificação segura, há indícios para supor que a queda de produção, em relação a 2002, dificilmente será inferior a 12%, e o mais provável é que ocorra uma redução ainda maior. Com isso continuará forte a pressão para elevar os preços, exceto se algum problema sério acarretar queda substancial das exportações ou fatores conjunturais da economia levarem a uma queda importante do poder aquisitivo, capaz de impactar o consumo interno.

No tocante ao custo da ração, insumo que participa com mais de 75% do custo de um suíno pronto para ser abatido, temos um cenário bastante claro de oferta interna insuficiente de seu principal componente, o milho. Não há como a safrinha recuperar a perda de área ocorrida na primeira safra e a provável perda de produtividade ocasionada por problemas climáticos nas principais regiões produtoras. É certo que o abastecimento interno do milho dependerá de importações e então o preço ao produtor de suínos será muito influenciado pela taxa de câmbio. O farelo de soja, segundo insumo mais usado na composição das rações, deverá ter boa oferta interna, mas seu preço também será balizado pela taxa de câmbio como sempre.

A grande maioria dos estoques de milho nas agroindústrias termina até fevereiro. A reposição desses estoques, durante o primeiro semestre de 2003, será feita a um custo substancialmente mais alto do que no primeiro semestre de 2002, pois não há indicador que aponte possibilidade de queda de preço no período de safra para os mesmos patamares da safra anterior. Do lado do câmbio, praticamente nenhum dos agentes financeiros projeta uma valorização do real que permita à taxa de câmbio retomar os níveis verificados no primeiro semestre de 2002. Diante desse cenário, o custo projetado da ração para o primeiro semestre de 2003 é superior ao do mesmo período de 2002.

O cenário mais provável, de sustentação de bons preços para o suíno, deve possibilitar melhor relação entre o preço do suíno e o da ração do que o ocorrido no segundo semestre de 2002 – embora ainda sem a necessá-

ria recomposição das perdas sofridas durante 2002. Uma recuperação mais acentuada da margem para o suinocultor deve ocorrer a partir do segundo semestre de 2003, período do ano em que normalmente os preços melhoram. Até lá já deve ter ocorrido o grande impacto da desativação da produção atualmente em curso.

O ano de 2004 provavelmente será um período de recomposição da produção, mas é pouco provável que isso ocorra em nível suficiente para superar a produção de 2002. O ciclo da produção de suínos é longo e a recomposição da produção, via substituição dos plantéis desativados, não deverá se iniciar antes do segundo semestre de 2003, tendo em vista o desestímulo prevalecente no setor.

Lições possíveis

Nos últimos anos a suinocultura vem fortalecendo sua posição como uma das principais cadeias do agronegócio brasileiro, em vários aspectos: como produtora de alimento nobre para o consumo interno; forte geradora de empregos nos diversos elos de sua cadeia e, mais recentemente, como forte geradora de divisas com exportação. Entretanto, esse crescimento e os motivos que acarretaram o forte revés do setor produtivo em 2002 mostram a necessidade de uma urgente revisão das limitações existentes na cadeia produtiva. A eficiência de uma cadeia de negócio é determinada pela eficiência de cada um de seus elos. Alguns pontos merecem reflexão:

- na cadeia da carne suína é patente a desarticulação entre seus elos mais próximos: a produção de grãos e os frigoríficos. Historicamente, os anos de baixa remuneração para o produtor de milho são em geral acompanhados por um ano de queda na produção. O produtor de suínos adquire milho mais barato e aumenta suas margens quando o produtor de milho tem margens baixas – não raro negativas. O inverso ocorre quando há escassez de oferta do milho. A busca de alianças entre esses elos da cadeia e a implementação de políticas que possibilitem mais estabilidade da oferta do insumo é de fundamental importância.

O acelerado processo de agregação de tecnologia à produção de suínos e o crescimento do tamanho médio das granjas exige que os produtores busquem proteção adicional contra as oscilações excessivas do preço de venda do produto. O mesmo se aplica aos frigoríficos que não possuem sua própria produção integrada. Como exemplo, em outros países são praticados vários tipos de contratos de fornecimento entre produtores e frigoríficos, com o mesmo objetivo. Infelizmente, no Brasil isso é ainda muito pouco disseminado fora do sistema de integrações.

- Em um regime de câmbio flutuante como o do Brasil e sendo nossa economia muito vulnerável a fatores políticos e econômicos internos e externos, é sensato supor que flutuações importantes no câmbio continuarão a ocorrer. Sempre tivemos os preços da soja, dos minerais e vitaminas fortemente dependentes do mercado externo. A nova situação do milho, que passou também a ser produto de exportação, mesmo em uma conjuntura de escassez interna, faz crer que a atual influência da taxa de câmbio no seu preço é algo que veio para ficar. É preciso repensar as políticas para o setor de produção de carnes, buscando evitar fortes oscilações de preço dos insumos, em decorrência das variações cambiais, ao mesmo tempo em que tem o preço de seu produto balizado, principalmente pelo mercado interno.

O esforço de exportar carne suína, que vem de alguns anos, é digno de reconhecimento. Esse foi um dos principais estímulos ao aumento da produção, que passou a demandar mais insumos. Mas não ocorreu a correspondente e necessária ação de estímulo ao produtor de milho, e o resultado foi esse grave quadro. O principal motivo da escassez do milho decorre da paridade de sua rentabilidade, principalmente com a soja. Isso era relativamente previsível, e foi mesmo antecipado pelos agentes do setor.

- Outro fator de fundamental importância para toda a cadeia produtiva: a informação e seu uso. O acesso a um grande volume de informações, nos dias de hoje, se tornou fácil; mas em todos os setores nos deparamos com uma avalanche de informações de má qualidade, o que torna difícil ao produtor selecionar subsídios para suas tomadas de decisão. Por isso, a organização de informações estruturadas, que possibilitem ir além do simples relato do que se passa no momento para traçar cenários futuros mais prováveis, tornou-se uma necessidade para a cadeia da carne suína.
- O potencial produtor e exportador de carne suína no Brasil e os benefícios que traz ao setor e à economia como um todo são inquestionáveis. Mas não podemos conviver com o risco de uma concentração muito forte de exportação para um único país, como ocorre hoje. O esforço para diversificar o número de clientes deve ser intensificado.
- A carne suína é, naturalmente, concorrente de outras carnes na preferência dos consumidores. Além disso, no Brasil o consumo *per capita* de carne suína está muito aquém do de aves e bovinos, ao contrário do que ocorre em grande parte dos países desenvolvidos. Esforços de promoção têm sido empreendidos nos últimos anos, principalmente pelas associações de produtores – esforços no entanto insuficientes, principalmente porque a fraca adesão dos diversos agentes do setor limita os recursos necessários. É preciso encontrar fórmulas de ampliar essas ações e torná-las consistentes para possibilitar a almejada mudança de hábitos do consumidor.

Fernando Antonio Pereira *é engenheiro agrônomo e diretor superintendente da Agroceres PIC. fernando@agroceres.com.br*